

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE MINICONTO: DESDOBRAMENTOS DE SENTIDOS

Fernanda Correa Silveira Galli¹
Andréia Dias de Souza²

RESUMO

O miniconto pode ser definido como um gênero textual breve que apresenta, dentre outras características, a elipse ou história oculta como constituinte; esse texto tem ganhado popularidade tanto em coletâneas quanto em plataformas virtuais e tem sido objeto de diversos estudos de cunho literário (LAGMANOVICH, 2006; PAULINO, 2004; SPALDING, 2008; CASCALES, 2013). A revelação da história está diretamente ligada à interpretação, o que nos permite discutir as características atribuídas, por estudiosos, a esse gênero e apresentar uma reflexão a respeito do processo de leitura e interpretação de minicontos, a partir do viés discursivo (ORLANDI, 2012, 2001, 2000; CORACINI, 1995).

Palavras-chave: miniconto, leitura, interpretação, efeitos de sentido.

Considerações iniciais

De acordo com Spalding (2008, p.75), o miniconto é uma reinvenção do conto, de modo que conceitos como efeito, intensidade e tensão, caros ao conto clássico, encontram espaço na reinvenção. O autor chama atenção, no entanto, para o fato de que tais aspectos precisam ser vistos sob nova perspectiva, “projetadas num tempo posterior à leitura e construídos também no e pelo leitor, não apenas no e pelo texto”. Spalding não apenas destaca a importância do processo de leitura, como também expande cronologicamente os efeitos produzidos a partir dele, ou seja, eles não ficam restritos ao momento da leitura, mas se desdobram e se constroem, também, em momentos posteriores.

¹ Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Docente vinculada ao curso de Letras da UFPE e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP. E-mail: fernanda.galli@ufpe.br.

² Doutoranda em Estudos Linguísticos, área de concentração Análise Linguística - Estudos do Texto e do Discurso, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus SJRP. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul. E-mail: andreia.souza@ifms.edu.br.

Em seu *website* ‘Minicontos coloridos’, Spalding (2013) apresenta uma breve caracterização a respeito desse gênero³ e aponta cinco características, as quais chama de ‘valores importantes’ do miniconto, a saber: concisão, narratividade, efeito, abertura e exatidão. A concisão consiste em contar uma história que seja adequada à curta extensão textual, evitando-se o que ele chama de ‘atrofiar’ a narrativa. Para o autor, nem todas as histórias podem ser contadas em um miniconto; a narratividade implica, evidentemente, em narrar uma história, relatar a passagem de um personagem; o efeito se refere ao que o miniconto causa no leitor; a abertura se caracteriza pelos diferentes modos como os leitores preenchem as lacunas deixadas por essa curta narrativa e a exatidão se refere à escolha das palavras, à sua ordem e quantidade, características que contribuem para que o efeito e a abertura se realizem.⁴

Observamos que tanto a abertura quanto o efeito estão diretamente ligados ao processo de interpretação. Ao conceituar a abertura, Spalding (2013) propõe um questionamento: “Como pode um texto tão pequeno provocar efeito em quem lê?” e afirma que “a resposta está no próprio agente da questão: o leitor”. Ao chamar o leitor de “agente”, Spalding (2013) não apenas dá importância à figura do leitor no processo de interpretação, mas também coloca esse processo – que envolve leitura e sentidos possíveis – no cerne da caracterização do miniconto: a abertura e o efeito, portanto, têm o leitor como figura central e só se realizam a partir do processo da leitura.

Refletir sobre o processo de interpretação do miniconto, de uma perspectiva teórica discursiva, é o objetivo deste trabalho.⁵ Para tanto, apresentamos considerações a respeito do miniconto e as formas como os estudiosos têm compreendido a sua constituição e particularidades. Na sequência, trazemos os pressupostos teóricos que norteiam nossa análise, com foco nas concepções de leitura/interpretação, leitor e sentidos assumidas na reflexão. No terceiro momento, passamos à exposição da metodologia adotada e da seleção dos textos que compõem o *corpus* analisado. Por fim, analisamos o material – constituído de produções textuais realizadas por alunos de uma turma do quarto

³ Da perspectiva discursiva, tomaremos o miniconto não como gênero, mas como texto, uma unidade de análise, passível de interpretação, lugar do jogo de sentidos.

⁴ Disponível em: <<http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoringidos/miniconto.html>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

⁵ A primeira versão foi apresentada, em fevereiro de 2018, como requisito parcial para o exame de Qualificação Especial de Doutorado, na linha de pesquisa “Oralidade e Letramento” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, campus de São José do Rio Preto.

semestre do curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática, do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – e apresentamos as considerações finais.

Sobre o miniconto

Pela própria denominação, a princípio, pode-se afirmar que um miniconto é um conto em miniatura. De acordo com Lagmanovich (2006, p.39), apesar de não ser um subtipo ou um substituto do conto, o miniconto é certamente dele derivado, o que torna relevante uma breve caracterização do conto antes de chegarmos à apresentação do miniconto. Condição fundamental do conto é a intensidade, que “consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermediárias, de todos os recheios ou frases de transição que o romance permite e mesmo exige” (CORTÁZAR, 1993, p. 157), de maneira que “o tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal” (CORTÁZAR, 1993, p. 152).

A fim de caracterizar o conto, os teóricos incluem em suas definições a figura do leitor. De acordo com Edgar Allan Poe (1997), é necessário que exista uma tensão que produza um efeito sobre quem lê. Para Faccioli (2000, p. 68), existe uma estrutura inteligente que é armada no conto, a qual “pede e convoca a participação intelectual de seu leitor, sem que o subestime ou superestime”. Considerando os apontamentos de Ricardo Piglia (2004, p. 34), há uma dupla narrativa no conto, uma oposição entre história aparente e história oculta. Aquela é a história contada pelo narrador, esta é entendida nas entrelinhas da narrativa, se faz “com o não-dito, com o subentendido e a alusão”, “um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário” (PIGLIA, 2004, p. 90).

A “história oculta” mencionada por Piglia é revelada a partir da interpretação do leitor, de maneira que o sentido é construído na interpretação, e a estrutura mencionada por Faccioli só será de fato constituída a partir do contato do leitor com o conto. O sentido, certamente, não será fechado e nem unívoco, pois dependerá do leitor imerso no processo da leitura: uma vez que um mesmo conto é lido por diferentes leitores, os sentidos produzidos serão múltiplos. Como podemos observar, uma característica que os teóricos consideram como item fundamental à constituição do conto é: causar efeito sobre o leitor, o que será de fato realizado no ato da leitura. De que modo esse efeito seria produzido no

leitor? Como, portanto, determinado enunciado pode ser considerado um conto antes do processo de leitura?

O conto emergiu a partir da segunda metade do século XX e, desde então, há estudos, principalmente no campo da Literatura, a seu respeito; no entanto, devido à sua jovialidade, existem questões controversas sobre sua caracterização como gênero textual e sobre a questão da nomenclatura. Encontramos denominações como miniconto, microconto, microrrelato, nanoconto, associadas (ou não) à extensão textual. É comum, na internet, blogs e websites que reúnem exemplares dessas mininarrativas (Microcontos CGV; minicontos.com.br), nos quais podemos encontrar delimitações de extensão textual associadas à distinção entre as diversas nomenclaturas acima mencionadas. No blog *Microcontos CGV*, há a delimitação de 50 letras para os nanocontos, de 150 caracteres para os microcontos e até uma página para os minicontos. A denominação microrrelato é apresentada nos trabalhos em língua espanhola, os quais constituem grande parte do aparato teórico aqui apresentado.

Não faz parte dos objetivos deste trabalho apontar tais questões, por isso nos limitamos a utilizar a denominação de minicontos indistintamente, nos prendendo às questões que permeiam a(s) construção(ões) de sentido produzidas no ato da leitura do conto. Acreditamos que a figura do leitor é muito mais relevante para a definição do que a extensão textual e concordamos, portanto, com Lagmanovich (2006, p. 39), que a delimitação do gênero não deve privilegiar as características mecânicas, como a contagem de palavras ou de linhas, mas sim na “reação do leitor, em sua resposta tácita”. O miniconto, portanto, é pouco extenso, e como tal é “um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor” (PAULINO, 2004, p. 30). A sinteticidade, desse modo, não é a única característica essencial ao miniconto: a “expressividade” e o “impacto sobre o leitor” são igualmente relevantes, de maneira que o miniconto não é apenas um gênero compacto, mas sim um gênero breve que deve apresentar começo, meio e fim (LAGMANOVICH, 2003, p. 61)

A respeito da brevidade, Andres-Suárez (2010, p. 49-57) afirma que essa característica é de complexa delimitação, pois há divergência de opinião sobre qual extensão textual poderia ser considerada breve. A autora destaca, ainda, que a extensão breve não deveria ultrapassar uma página impressa e que uma forte tensão interna e uma

máxima elisão são consequências da brevidade, características que, por sua vez, supõem a participação ativa do leitor. A fim de realizar a leitura, o leitor terá de contribuir com seu conhecimento de mundo e seu saber literário, para desvendar os sentidos do texto. A elipse, segundo Andres-Suárez, é um dos traços mais importantes do miniconto, pois é fundamental à sua estrutura. Esse não-dito, inerente ao texto, é muito significativo, pois é dele que se extrai o prazer estético que se obtém da leitura dos minicontos.

Spalding (2008, p. 59) acredita que o miniconto “pode ser encarado como uma ‘narrativa nuclear’ de poder e efeito semelhantes aos da ‘bomba atômica’: tudo está condensado em seu núcleo e é dali que deve partir a história, projetada, explodida no ato da leitura”. Ao se falar em ‘impacto sobre o leitor’, fica evidente que, para Lagmanovich (2003) e Paulino (2004), quem lê é fundamental para a própria composição da obra. Ou seja, a figura do leitor é indispensável para a constituição do gênero em questão e, conforme apontado por Spalding (2008, p. 59), o instante da explosão da bomba atômica de sentidos é o momento da produção da leitura. O miniconto apresenta, portanto, em sua própria definição, uma característica de incompletude que se manifesta em sua própria materialidade. De acordo com Cascales (2013, p. 520), há um caráter elíptico e cabe ao leitor “completar” os espaços em branco.

A seguir, apresentamos os pressupostos teóricos que norteiam nossa abordagem.

Sobre os pressupostos teóricos

No que se refere à concepção de leitura, várias são as posições assumidas e defendidas no decorrer da história e nos mais diversos campos de estudo das ciências humanas. Há, no entanto, uma dicotomia bastante recorrente a esse respeito, a saber: *interpretação e decodificação*. Entendemos que a segunda – a decodificação – é apenas parte da primeira – interpretação, de maneira que o decodificar seria o início para que o processo de leitura e interpretação de fato possam acontecer. De acordo com Orlandi (2001, p.60), as palavras, os textos significam de maneira diferente, a depender “da posição do sujeito” e de sua inscrição em determinado momento sócio-histórico. Nessa perspectiva, a interpretação “está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação.” (ORLANDI, 2012, p.9).

Coracini (2002, p. 13-14), ao discorrer sobre noções de leitura elaboradas por linguistas, ao longo do tempo, destaca: a dependente do texto, a dependente do leitor, a

interacionista e a discursiva. A primeira defende o texto como única fonte de sentido, caracterizando a leitura meramente como decodificação, deixando o sentido totalmente dependente da forma. Nessa concepção, o leitor é passivo, meramente o “receptáculo de um saber contido no texto” e o texto é a unidade que precisa ser capturada para que o sentido seja construído. A segunda noção é uma noção orientada pela psicologia cognitivista, segundo a qual o bom leitor é aquele capaz de, a partir dos dados fornecidos pelo texto, acionar “pacotes de conhecimentos estruturados acompanhados de instruções para seus usos” (KATO, 1985 *apud* CORACINI, 2002, p. 14). A terceira noção é a concepção interacionista, para a qual o leitor, no ato da leitura, acionaria seus conhecimentos prévios confrontando-os com os dados do texto e a partir daí construiria os sentidos deste. A última noção apresentada pela autora é a de leitura como processo discursivo,

no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido – o autor e o leitor – ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos. É o momento histórico-social que determina o comportamento, as atitudes, a linguagem de um e de outro e a própria configuração do sentido. (CORACINI, 2002, p.15)

Assumimos, portanto, neste trabalho, a concepção de leitura discursiva, a qual considera que o processo de ler e interpretar é “bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente” (ORLANDI, 2001, p.10). Nesse processo, “a ideologia é condição *sine qua non*, já que seu trabalho é produzir evidências, situar o indivíduo na relação imaginária com as condições de existência materiais e interpelá-lo em sujeito, pois é através da interpelação que o sujeito se inscreve como leitor e produz sentidos.” (GALLI; GARCIA, 2015, p. 117). É nesse momento que ocorre a construção dos sentidos, o desencadear do processo de significação e a configuração do espaço da discursividade, conforme destaca Orlandi:

Sem dúvida, constitui parte integrante de toda essa contextualização da leitura a própria instauração do autor e do leitor em sua relação como sujeitos, já que (...) sujeitos e sentidos são elementos de um mesmo processo, o da significação (ORLANDI, 2000, p. 10)

Sobre a leitura, Orlandi (2000, p. 8) ressalta fatores importantes a se considerar: o de se pensar a produção de leitura e, conseqüentemente, a possibilidade de trabalhá-la e

não ensiná-la; o de considerar que ela é parte do processo de instauração do(s) sentido(s); o de pensar que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história; o de levar em consideração que sujeito e sentidos são determinados histórica e ideologicamente, que há múltiplos e variados modos de leitura, e que nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social. Considerando a variedade e multiplicidade de modos de leituras destacados por Orlandi (2000), evidencia-se o caráter opaco do texto, o qual não é uma unidade que traz um significado fechado e transparente, mas tem seu sentido constituído pelas relações entre os sujeitos histórica e ideologicamente determinados e envolvidos na atividade de leitura. Esse caráter do texto é consequência do caráter não-transparente da linguagem, a qual se configura como “um sistema de relações de sentido no qual, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que a materialidade impede que o sentido seja qualquer um” (ORLANDI, 1996, p.20).

Relacionados à noção de leitura, portanto, estão as concepções de texto, autor e leitor. Partindo do pressuposto que a leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, de sua realidade significante, no qual os interlocutores se identificam como tais e desencadeiam o processo de significação do texto (ORLANDI, 2000, p. 10), depreendemos, portanto, o caráter do processo de leitura e sua relação com três elementos: o sujeito-autor, o sujeito-leitor e o texto. A partir dessa tríade – sujeito-autor, sujeito-leitor e texto –, há três pontos fundamentais para nossa reflexão: o sujeito-autor não é o controlador dos sentidos do/no texto, pois não é um ser onipotente; o leitor não é onisciente, não possui capacidade de compreensão que domine as múltiplas determinações de sentidos que jogam em um processo de leitura; não há um texto transparente, que diga por si toda e apenas uma significação (ORLANDI, 2000, p.11).

No que se refere ao gênero miniconto, pautamo-nos na reflexão filosófico-discursiva desenvolvida por Bakhtin (2003, p.279): “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”, os quais seriam denominados gêneros do discurso. Os minicontos, por sua vez, se enquadram no que Bakhtin aponta como gênero do discurso: são unidades relativamente estáveis, caracterizadas pela brevidade e narratividade, que circulam na esfera literária, sendo públicas em coletâneas ou expostas em ambiente virtual (websites e blogs). Assim como Bakhtin (2003, p.307),

adotamos o texto como elemento central de nossas discussões, pois “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”:

o pensamento das ciências humanas nasce como pensamentos sobre pensamentos dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos, etc.). [...] Estamos interessados na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*. (BAKHTIN, 2003, p. 308, grifo do autor).

Nessa perspectiva, com base nos pressupostos discursivos – pecheuxtianos e bakhtinianos –, consideramos que o texto é o objeto (empírico-analítico) que constitui nossa unidade de análise. Ele é, portanto, opaco, incompleto e tem sua significação construída no ato da leitura, como acontecimento dinâmico e não como produto estanque ou entidade transparente. O sentido, desse modo, se constrói a partir da determinação do sujeito, afetado pela língua e pela história. O sujeito-leitor, por sua vez, é um sujeito incompleto, atravessado por diversos discursos que o constituem. O caráter de incompletude não é apenas inerente ao sujeito-leitor, mas também à própria concepção de leitura, a partir da qual surgem outras duas noções: a de implícito e a de intertextualidade. O implícito é o que não está dito na materialidade linguística, mesmo assim está produzindo significado; a intertextualidade seria a relação de um texto com outros textos. Esses dois conceitos são articulados no processo de produção de sentidos inerente à leitura, pois “há relações de sentido que se estabelecem entre o que um texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e o que outros textos dizem.” (ORLANDI, 2000, p. 11).

Parte fundamental da caracterização dos minicontos, conforme exposto anteriormente, é a elipse, ou a “história oculta” herdada dos contos, o que podemos nomear discursivamente, com base em Orlandi (2000), de implícito. Esse elemento só ganha significado no momento da leitura, quando o sentido é produzido, quando o leitor produz significado ao ‘não-dito’ a partir do ‘já-dito’ que o constitui, ou seja, a partir de sua memória discursiva. A produção de sentido se dá, portanto, quando o miniconto, por meio do processo de leitura, é colocado em relação com outros textos, ou seja, com os discursos que constituem o sujeito-leitor e que entram em cena no processo de leitura.

Feitas essas considerações teóricas, passamos à análise das atividades de leitura e interpretação de minicontos, as quais compõem o *corpus* deste trabalho. Interessa-nos observar de que forma o não-dito – caracterizado como elipse ou história oculta – é interpretado a partir das relações estabelecidas entre o miniconto, o sujeito-leitor e os discursos que o atravessam.

O processo de leitura dos minicontos: uma análise discursiva

Conforme já destacamos, este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão a respeito do processo de leitura do miniconto, a partir do viés discursivo. Para tanto, analisamos atividades de leitura e interpretação de minicontos realizadas por um grupo de alunos do quarto do semestre curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. Nosso objetivo não é analisar o suporte (em coletâneas, e-books e divulgados em websites e blogs no ambiente virtual) no qual os minicontos veiculam, mas lançar um olhar para o não dito para refletirmos a respeito da multiplicidade de efeitos de sentido que um mesmo miniconto pode produzir.

Para a atividade (cf. ANEXO), selecionamos minicontos do livro eletrônico “Minicontos e muito menos” (SPALDING, 2010) e de websites como minicontos.bom.br, minicontos coloridos, recanto das letras e minimínimos. Destacamos que a referida atividade foi o primeiro contato dos alunos com o miniconto e, portanto, buscamos oferecer o mínimo possível de pistas para que eles realizassem a leitura e a interpretação dos minicontos. Destacamos, ainda, que o material analisado foi recortado tal como produzido pelos alunos, não houve nenhum ajuste no que se refere à norma culta da língua portuguesa. Observemos o primeiro recorte, na Figura 1 abaixo, que se configura como interpretação do miniconto “O ataque”:

1) O ataque
Pare! Gritou o viajante, ao perceber o vulto de homem que se aproximava.
Logo o uivo paralisou-o e, num átimo, a criatura estranha evaporou.
Apenas a lua cheia, fragmentada entre os galhos, testemunhou a cena. (FAGUNDES, 2013)
No texto um homem andava em uma floresta em noite de lua cheia. Provavelmente era um inexperiente caçador de lobisomem, que ao encontrar sua primeira fera, paralisou-se e a deixou escapar entre a escuridão da noite.

Figura 1⁶

⁶ Transcrição da produção do aluno: “No texto um homem andava em uma floresta em noite de lua cheia. Provavelmente era um inexperiente caçador de lobisomem, que ao encontrar sua primeira fera paralisou-se e a deixou escapar entre a escuridão da noite.”

Nesse recorte, o aluno, na leitura que faz do miniconto, define o viajante como um “inexperiente caçador de lobisomens”. A partir, provavelmente, das informações: “uivo”, “criatura estranha” e “lua cheia”, que estão inseridas no universo do *dito* – do *já-lá*, no(s) texto(s) – esse leitor conclui, pelo funcionamento da memória discursiva, que a criatura estranha ao mesmo tempo se parece com um homem e produz um uivo em uma noite de lua cheia é um lobisomem. O significante lobisomem não está materializado linguisticamente no texto, mas os efeitos de sentido são construídos a partir do *já-dito* de/em outros textos com os quais o aluno já teve contato, o que retorna e é ressignificado pela memória discursiva.

1) O ataque

Pare! Gritou o viajante, ao perceber o vulto de homem que se aproximava.

Logo o uivo paralisou-o e, num átimo, a criatura estranha evaporou.

Apenas a lua cheia, fragmentada entre os galhos, testemunhou a cena. (FAGUNDES, 2013)

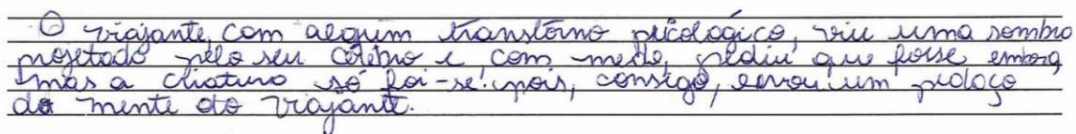


Figura 2⁷

Ao interpretar o miniconto, o aluno atribui o ataque a um transtorno psicológico do viajante. Em princípio, afirma que a criatura foi uma projeção do cérebro do personagem e, posteriormente, diz que, ao desaparecer, a criatura levou consigo parte do cérebro. Interessante notar que, a partir dessa interpretação, o aluno estabelece uma relação entre a alucinação e o órgão mental do viajante, como se a existência deste estivesse parcialmente condicionada à existência daquela. Outro aspecto que destacamos é a questão do medo: no exemplar apresentado, temos a forma verbal “paralisou-o”, a qual, provavelmente, contribuiu para a afirmação de que o viajante estava com medo, o qual poderia ser o responsável por todo o transtorno psicológico da personagem da história.

Na Figura 3, abaixo, observarmos que a resposta dada pelo aluno está segmentada em duas partes, as quais se encontram separadas por uma linha de espaço entre os trechos. Provavelmente, isso ocorre devido ao enunciado da proposta da atividade de leitura:

⁷ Transcrição da produção do aluno: “O viajante, com algum transtorno psicológico, viu uma sombra projetada pelo seu cérebro e, com medo, pediu que fosse embora, mas a criatura só foi-se pois, consigo, levou um pedaço da mente do viajante.”.

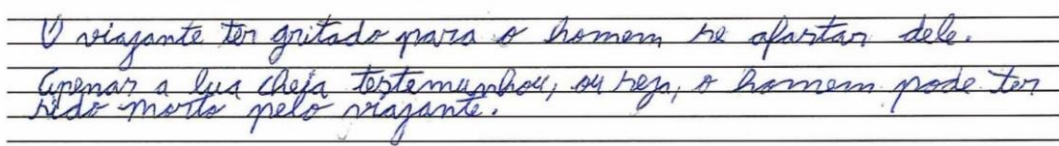
“destaque pelo menos dois pontos relevantes”. O primeiro apontamento relevante diz respeito ao fato de o viajante ter gritado, o que não aparece nas produções anteriores; observamos que o viajante é interpretado como o agressor e não a vítima e, nesse ponto, está a relevância ressaltada: o algoz grita antes do ataque. Essa interpretação nos mostra que o aluno parece estar atravessado por discursos (o *já-dito* que compõe memória discursiva) nos quais o agressor ataca de surpresa, pelas costas, manifestando-se apenas no momento do ataque, fato contrário à interpretação que ele deu ao miniconto em análise.

1) O ataque

Pare! Gritou o viajante, ao perceber o vulto de homem que se aproximava.

Logo o uivo paralisou-o e, num átimo, a criatura estranha evaporou.

Apenas a lua cheia, fragmentada entre os galhos, testemunhou a cena. (FAGUNDES, 2013)



O viajante ter gritado para o homem se afastar dele.
Apenas a lua cheia testemunhou, ou seja, o homem pode ter sido morto pelo viajante.

Figura 3⁸

Além da natureza do ataque, a interpretação materializada no Recorte 3 apresenta outro ponto que a diverge radicalmente das anteriores: a caracterização da criatura, já que o aluno não menciona “a criatura” materializada textualmente no miniconto. À primeira vista, parece que para ele se trata de um homem apenas, que se aproximou de um viajante que, talvez para roubá-lo ou, por um motivo não exposto, o tenha atacado. No entanto, não se pode deixar de observar que há um destaque realizado pelo aluno em dois momentos no miniconto original: na palavra “átimo” e “estranha evaporou”. A segunda expressão se refere à criatura, o que parece nos dar pistas de que, apesar de não ter sido mencionada em sua interpretação, não lhe foi totalmente negligenciada. A partir da leitura e dos destaques realizados pelo aluno, levantamos as seguintes hipóteses de interpretação: o homem se aproximou do viajante que, por alguma razão, mandou-o parar e atacou-o logo em seguida, matando-o; a mesma situação anterior, no entanto sem que o homem seja morto, pois o aluno afirma que o homem “pode” ter sido morto; o viajante ser o lobisomem, que estava se transformando no momento em que o homem se aproximou e, em seus últimos momentos de consciência, gritou à possível vítima que parasse, e, já

⁸ Transcrição da produção do aluno: “O viajante ter gritado para o homem se afastar dele. Apenas a lua cheia testemunhou, ou seja, o homem pode ter sido morto pelo viajante.”.

transformado, atacou num átimo o homem que, como uma estranha criatura, se evaporou na noite, sendo destroçado pelo lobisomem.

As próximas três figuras analisadas se configuram como recorte relativos à interpretação de outro miniconto, o intitulado “Na rede”. Vejamos:

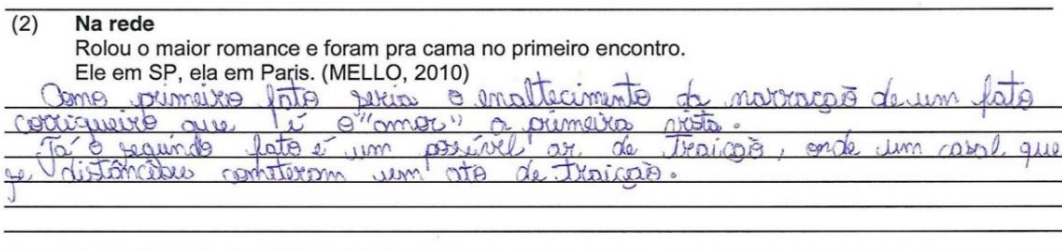
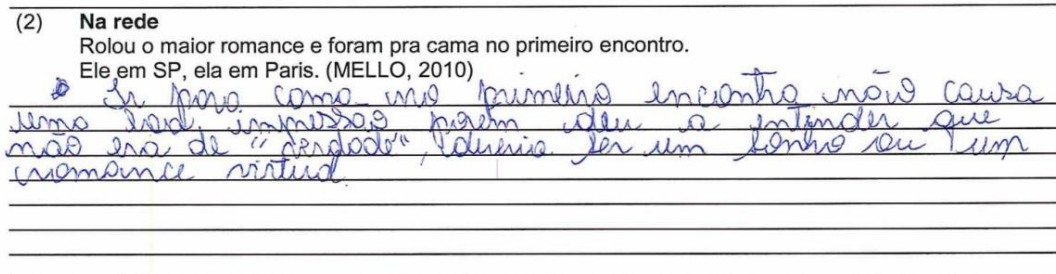


Figura 4⁹

Dois aspectos foram apontados pelo aluno, na interpretação da Figura 4: o amor à primeira vista e uma possível traição. Parece-nos que os personagens seriam um casal que, por algum motivo, estão espacialmente separados. Ambos se encontraram com pessoas diferentes e tiveram relações sexuais com elas no primeiro encontro, envolvendo os novos parceiros em suas redes, ou sendo envolvidos pelas redes dos novos amantes, traindo possivelmente seus respectivos parceiros. O aluno, possivelmente, está atravessado por discursos nos quais relacionamentos à distância têm como consequência a traição, o que parece se configurar como um discurso do senso comum, já cristalizado socialmente. Observamos que o aluno atribui o adjetivo “corriqueiro” ao que chama de amor à primeira vista, o que nos leva a interpretar que, muito provavelmente, esteve em contato com textos que apresentam tal situação, talvez os contos de fadas lidos na infância ou até filmes nos quais tal situação é bastante explorada.



⁹ Transcrição da produção do aluno: “Como primeiro fato seria o enaltecimento da narração de um fato corriqueiro que é o “amor” a primeira vista. Já o segundo fato é um possível ar de traição, onde um casal que se distanciava cometeram um ato de traição.”.

Figura 5¹⁰

O romance virtual é um outro sentido apontado pelo aluno no recorte da Figura 5, acima. Duas interpretações são possíveis, de nosso ponto de vista: ou é um romance virtual ou se trata de um sonho. Provavelmente, o título do texto e o fato de os personagens estarem em continentes distantes levaram o aluno à primeira hipótese – romance virtual. A questão da imensa distância que separa os amantes, certamente fez com que o aluno levantasse a possibilidade de que a história não parecia verdadeira, logo poderia também se tratar de um sonho. Observamos que o aluno reconhece a questão do romance e, conseqüentemente, do sexo virtual como possíveis; no entanto, menciona em sua resposta “deu a entender que não era de verdade”, o que nos leva a duas hipóteses possíveis: (i) não concebe a ideia do sexo virtual, ou seja, sem o contato efetivamente físico entre duas pessoas; (ii) atribui ao fato de ser um romance virtual uma oposição entre virtual e verdadeiro, isto é, o virtual seria sinônimo de mentira, devido à descrença, ou repúdio à questão sexual a distância, tudo seria apenas um sonho.

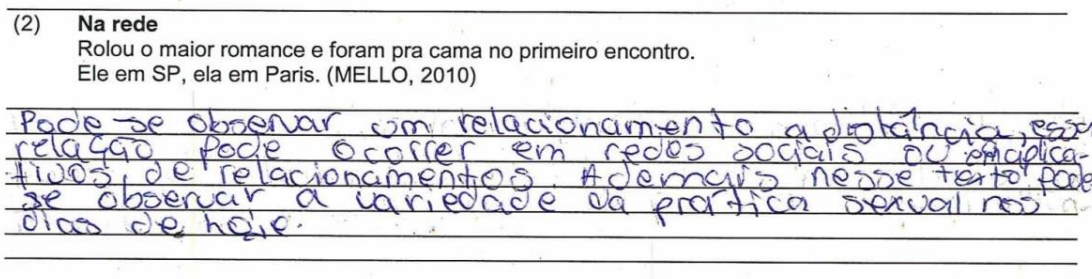


Figura 6¹¹

Nesse recorte, considerando a estreita relação entre a rede de internet e os relacionamentos virtuais, o aluno aponta que os personagens – um masculino e um feminino – ou se conheceram por meio da rede mundial de comunicação ou por meio de aplicativos de relacionamento. Aponta, ainda, mesmo que de forma sutil, a possibilidade de relações sexuais virtuais, sem contato físico com o parceiro e à longa distância. Essa interpretação, na Figura 6, apesar de possível, foi totalmente descartada, pois não se trata de um relacionamento “de verdade” para aquele aluno, já que ele não parece considerar

¹⁰ Transcrição da produção do aluno: “Ir para a cama no primeiro encontro não causa uma boa impressão, porém deu a entender que não era de “verdade”, deveria ser um sonho, ou um romance virtual.”

¹¹ Transcrição da produção do aluno: “Pode-se observar um relacionamento a distância, essa relação pode ocorrer em redes sociais ou em aplicativos de relacionamentos. Ademais nesse texto pode-se observar a variedade da prática sexual nos dias hoje.”

o sexo à distância como algo real, ou até possível, fato totalmente contrário ao apresentado na Figura 5, na qual esse ato é considerado uma variação da prática sexual nos dias atuais.

O terceiro miniconto da atividade – “Contos de Fado – A princesa insone” – foi publicado no blog *minimínimos* (ÂNGELA, 2012). Certamente, um leitor que tenha tido contato com contos infantis estabelecerá uma relação com o conto “A princesa e a ervilha”, de Hans Christian Andersen (1835), que relata a história de um príncipe que buscava pelo que ele chamava de uma princesa de verdade. Quando, em uma noite de tempestade, uma moça bate à sua porta e se diz uma verdadeira princesa, ele, juntamente com seus pais, resolve testar a veracidade de tal fato. A rainha a convida a dormir no castelo e lhe prepara um leito com vários colchões e cobertas sob os quais se encontra uma ervilha. Ao despertar a jovem diz que teve uma noite péssima, pois algo na cama a havia machucado. Certos de que a jovem possuía a sensibilidade necessária a uma princesa, o príncipe se casou com ela. No recorte que segue, tal relação é assim estabelecida:

(3)

Contos de fado - A princesa insone



Desta vez ela não dormiu mesmo! Descobriu, perdida entre os edredons, em vez da esperada ervilha, o preservativo intacto que o príncipe deveria ter usado antes de escalar a sua cama!

Quando vemos a imagem certamente nos lembramos do conto da Princesa e a ervilha e ao vermos melhor e ler o texto de sua descrição, assusta, pelo fato de ter um desfecho diferente da história, levando o leitor a pensar que houve uma “cena” entre o príncipe e a princesa, no caso dormirem juntos.


Figura 7¹²

¹² Transcrição da produção do aluno: “Quando vemos a imagem certamente nos lembramos do conto da Princesa e a ervilha o que ao vermos melhor e ler o texto de sua descrição, assusta, pelo fato de ter um desfecho diferente da história, levando o leitor a pensar que houve uma “cena” entre o príncipe e a princesa, no caso dormirem juntos.”

A textualidade não verbal desse miniconto “Contos de Fado – A princesa insone” oferece elementos para que o aluno cite o conto de fadas já mencionado, o que é confirmado quando o aluno aponta que o desfecho é diferente da história do conto e que, aqui, houve “uma cena” entre os dois, que seria o fato de terem dormido juntos. Em contos de fadas, geralmente, os casais não dormem juntos, ocorre o casamento no desfecho das histórias. Esse desfecho outro, diferente, sinaliza que, conforme aponta Orlandi (2000, p.12), a atribuição de sentidos pode variar desde o que se denomina uma leitura parafrástica – que “se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) de um sentido que se supõe ser do texto (dado pelo autor)” – e o que se denomina leitura polissêmica, entendida como a atribuição de múltiplos sentidos ao texto, pelo funcionamento da história e da ideologia. Vejamos mais um recorte:

(3)

Contos de fado - A princesa insone



Desta vez ela não dormiu mesmo! Descobriu, perdida entre os edredons, em vez da esperada ervilha, o preservativo intacto que o príncipe deveria ter usado antes de escalar a sua cama!

O texto faz uma adaptação de um conto de fadas para algo mais próximo da realidade, além de fazer uma crítica ao romantismo, que prega o amor perfeito dos casais e a mulher como uma princesa doce e perfeita. O texto mostra o encontro da princesa e do príncipe de uma forma realista, onde o casal tem relações sexuais.

Figura 8¹³

Nesse recorte, o aluno faz alusão ao período literário do Romantismo e aponta no miniconto uma característica que, provavelmente, acredita ser contrária a tal período: um

¹³ Transcrição da produção do aluno: “O texto faz uma adaptação de um conto de fadas para algo mais próximo da realidade, além de fazer uma crítica ao romantismo, que prega o amor perfeito dos casais e a mulher como uma princesa doce e perfeita. O texto mostra o encontro da princesa e do príncipe de uma forma realista, onde o casal tem relações sexuais.”

encontro entre casais, caracterizado pela existência de relações sexuais. Provavelmente, por se encontrar cursando o quarto período do Ensino Médio, o aluno teve contato, na disciplina de Literatura, com os referidos períodos literários, o que o levou a citá-los. Além disso, o aluno atribui ao conto de fadas original “Princesa e a ervilha” características românticas, e ao miniconto analisado características realistas. Há um paralelo traçado pelo aluno entre ideal (romântico) e real (realista).

No último recorte, a seguir, uma situação outra é apontada: um estupro. Ao afirmar que o príncipe violentou a princesa, o aluno constrói um sentido diferente para a figura da “ervilha”: considera-a uma semente, como se o príncipe tivesse engravidado a princesa. A ervilha seria o bebê, a semente deixada no ventre da princesa pelo príncipe que não usou o preservativo – denominado pelo aluno como “majestosa capa”, fazendo alusão à imagem do príncipe com uma capa que povoa os diversos contos de fada. A capa pode, também, ser associada aos diversos super-heróis que protagonizam muitas histórias em quadrinhos e filmes. A atribuição de “bastarda” à ervilha produz o sentido de que o príncipe abandonaria a princesa e não daria assistência ao bebê deixado em seu ventre. Pela memória discursiva, podemos afirmar que os homens que deixam a mulher após engravidá-la são antagonistas que compõem o universo do *já-dito*.

(3)

Contos de fado - A princesa insone



Desta vez ela não dormiu mesmo! Descobriu, perdida entre os edredons, em vez da esperada ervilha, o preservativo intacto que o príncipe deveria ter usado antes de escalar a sua cama!

No texto uma menina violentada pelo príncipe tenta se esconder no topo da torre de edredons. Como presente do nobre príncipe, ele entrega a moça uma ervilha bastarda, que foi deixada e que poderia ter sido evitada, se o príncipe tivesse posto sua majestosa capa.

Figura 9¹⁴

¹⁴ Transcrição da produção do aluno: “No texto uma princesa violentada pelo príncipe tenta se esconder no topo da torre de edredons. Como presente do nobre príncipe, ele entrega a moça uma ervilha bastarda, que foi deixada e que poderia ter sido evitada, se o príncipe tivesse posto sua majestosa capa.”.

Considerações finais

A partir da análise das interpretações realizadas pelos alunos, vimos emergir diferentes efeitos de sentido dos minicontos selecionados para a atividade, os quais, no entanto, só foram apreendidos a partir do diálogo estabelecido pelo aluno (que assume, na leitura, as posições de leitor e também de coautor, no caso das interpretações) com outros discursos que os atravessam e os constituem como sujeitos-leitores. Os efeitos produzidos, os quais Spalding (2008) compara aos efeitos de uma bomba atômica, são construídos a partir da inscrição do sujeito-leitor em dado momento historicossocial da leitura do miniconto. Nessa perspectiva, destacamos que o miniconto se constitui como gênero a partir do processo da leitura e interpretação.

Trabalhar com miniconto no Ensino Médio se mostrou uma atividade muito estimulante e produtiva,¹⁵ em dois aspectos: tanto no que diz respeito ao trabalho com a leitura para além da decodificação, quanto no que se refere à materialização por escrito das interpretações. Marcamos, por fim, a relevância de se trabalhar a leitura de miniconto em sala de aula, a partir de uma abordagem que considere a figura do leitor – constituído sócio-historicamente – como fundamental para a constituição do gênero (SPALDING, 2008), o que nos permite, ainda, “[...] reconhecer as evidências práticas, que organizam estas leituras, mergulhando a ‘leitura literal’ (enquanto apreensão-do-documento) numa ‘leitura interpretativa’” (PÊCHEUX, 1997, p.57).

Referências

ANDRES-SUÁREZ, I. *El microrrelato español*. Una estética de la elipsis. Palencia: Menoscuarto, 2010.

ANGELA. Contos de fado: a princesa insone. In: *Minimínimos*, 2010. Disponível em: <<http://miniminimos.blogspot.com.br/search?updated-max=2013-02-14T02:15:00-02:00&max-results=15>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORACINI, M. J. R. F. Leitura: Decodificação, Processo Discursivo...?. In: _____. *O Jogo Discursivo na Aula de Leitura – Língua Materna e Língua Estrangeira*. Campinas: Pontes, 1995, p. 13-20.

¹⁵ Um *Sarau* com a exposição das interpretações dos alunos sobre os minicontos foi realizada como conclusão das atividades, no final do semestre de 2017.

CASCALES, B. P. *El microrrelato hispánico (1988-2008): teoría y análisis*. Murcia: Universidad de Murcia, 2013. Tese (Doutorado em Literatura Espanhola), Facultad de Letras, Universidad de Murcia, 2013.

CORTÁZAR, J. *Valise de Cronópios*. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FAGUNDES, J. *O ataque*. 2013. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/veredas/?apid=3396&tipo=2&dt=0&wd=&titulo=O%20ataque>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FACCIOLI, C. M. *O eloqüente silêncio: das oficinas de criação literária à conquista da competência para o conto*. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

GALLI, F. C. S.; GARCIA, D. A. Prática leitora e suas discursividades: formações imaginárias e memória discursiva. *Raído* (online), v. 9, 115-127, 2015. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4661>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LAGMANOVICH, D. *El microrrelato: Teoría e historia*. Palencia: Menoscuarto, 2006.

MONTERROSO, A. El dinosaurio. In: _____. *Obras completas (y otros cuentos)*. Barcelona. Editorial Anagrama, 1998, p. 57. Disponível em: <<https://somalxspiratas.files.wordpress.com/2016/08/obras-completas-de-augusto-monterroso.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MELLO, A. Na rede. 2010. *Recanto das letras*. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/contos-minimalistas/2152710>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *O significado do significado*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ORLANDI, E. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.

_____. *Análise de discurso: princípio e procedimentos*. 3 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2001.

_____. *Discurso e leitura*. 5 ed. São Paulo e Campinas: Cortez e Ed. UNICAMP, 2000.

_____. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas. Pontes Editores. 1996.

PAULINO, G. [et al.]. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Ed., 2001.

PIGLIA, R. *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

POE, E. A. *Ficção Completa, poesia e ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SPALDING, M. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____, *O miniconto*. 2013. Disponível em: <<http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/miniconto.html>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. *Minicontos e muito menos*. Livro digital. Casa verde, 2010. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/ww-minimemos/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MINICONTO READING AND INTERPRETATION: DEVELOPMENTS OF SENSES

ABSTRACT

The flash fiction can be defined as a short textual genre that presents, among other characteristics, the ellipse or hidden history as a constituent; this text has gained popularity both in collections and on virtual platforms and has been the subject of several studies of a literary nature (LAGMANOVICH, 2006; PAULINO, 2004; SPALDING, 2008; CASCALES, 2013). The revelation of history is directly linked to interpretation, which allows us to discuss the characteristics attributed, by scholars, to this genre and present a reflection on the process of reading and interpreting flash fiction, based on the discursive approach (ORLANDI, 2012, 2001, 2000; CORACINI, 1995).

Keywords: flash fiction, reading, interpretation, sense effects.

Recebido em: 10/11/2019

Aprovado em : 02/01/2020

Anexo



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

Nome: _____

Turma: _____ Data: ____/____/____.

Atividade de Leitura, Interpretação e Produção Textual 1

Leia os textos abaixo e destaque pelo menos dois pontos relevantes a respeito de cada um deles.

1) O ataque

Pare! Gritou o viajante, ao perceber o vulto de homem que se aproximava.

Logo o uivo paralisou-o e, num átimo, a criatura estranha evaporou.

Apenas a lua cheia, fragmentada entre os galhos, testemunhou a cena. (FAGUNDES, 2013)

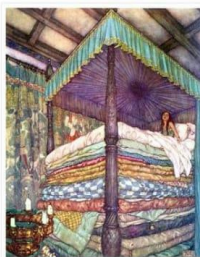
(2) Na rede

Rolou o maior romance e foram pra cama no primeiro encontro.

Ele em SP, ela em Paris. (MELLO, 2010)

(3)

Contos de fado - A princesa insone



Desta vez ela não dormiu mesmo! Descobriu, perdida entre os edredons, em vez da esperada ervilha, o preservativo intacto que o príncipe deveria ter usado antes de escalar a sua cama!
